

Quadro da Coroação da Virgem, na capella do paço archiepiscopal de Evora

Os jesuitas Manuel Fialho e Francisco Fonseca, o primeiro na *Evora illustrada*, que ficou inédita, o segundo na *Evora gloriosa*, attribuindo a D. Payo a edificação da sé e sua consagração á Rainha dos Anjos Maria Santissima, accrescentam com toda a gravidade que o dito bispo mandára pôr, em 1204, no altar-mór a imagem d'aquella Senhora, pintada em madeira por artista primoroso. É o quadro representado na gravura, o qual esteve, com effeito, na antiga capella-mór até ao tempo em que foi demolida e de novo edificada por Ludovici, que, entendendo que mal pareciam velhos paineis gothicos n'uma obra prima da architectura moderna, os substituiu por aquelles que alli se vêem hoje.

Ignoravam, porém, os jesuitas que só no primeiro quartel do seculo XV se inventára ou aperfeiçoára a pintura a oleo, e que era, portanto, impossivel que o bispo D. Payo tivesse, em 1204, um primoroso quadro d'este genero para ornar a sua cathedral.

O conde de Raczynski foi, segundo cremos, o unico entendedor que escreveu algumas linhas ácerca d'este notavel monumento. Eis aqui as suas proprias palavras:

«Le tableau de la Vierge entourée d'anges est admirable dans toutes ses parties. C'est, de tous les tableaux gothiques que j'ai vu en Portugal, celui auquel je trouve le plus de mérite. Il me rapelle celui de l'autel de Gand. Il est infiniment mieux que les douze autres [1], et il pourrait difficilement être l'œuvre du même pinceau.»

1 São os outros quadros que tambem estavam na antiga capella-mór, dos quaes fallaremos adiante.

Ora o auctor do quadro de Gand foi João Van-Eyck, o qual nasceu em 1390, ou pouco antes; inventou ou generalisou depois a pintura a oleo; começou em 1420, em Gand, o quadro mencionado; e veiu em 15 de dezembro de 1428 a Lisboa, na embaixada que o duque de Borgonha mandou a D. João I a pedir-lhe a mão da infanta D. Isabel. Parece que o proprio duque encarregára de tirar o retrato da infanta ao pintor, que lh'o enviou em 12 de fevereiro de 1429. A 25 de dezembro d'este anno regressou na comitiva da duqueza a Gand, onde foi acabar o celebre quadro do *Cordeiro*, que se conserva muito mutilado na sé d'aquella cidade.

Van-Eyck exercitou em Lisboa a sua arte. Disputavam á porfia damas e fidalgos a acquisição das obras do seu pincel. Seria elle proprio o auctor do quadro da sé de Evora? Em apoio de tal supposição, convem advertir que D. Alvaro, bispo de Evora, celebrou os desposorios do duque de Borgonha, o qual se recebeu por procuração com a infanta D. Isabel no castello de Lisboa, a 4 de julho de 1429. Que este bispo era homem intelligente e illustrado prova-se com evidencia; porque, sendo escolhido para prégar o sermão da coroação del-rei D. Duarte, rebateu do pulpito o celebre vaticinio de mestre Guedelha, que do dia destinado para aquella solemnidade auferíra desgraças e calamidades. O vaticinio causára grande e desagradavel impressão, e o bispo de Evora logrou desvanecer com sua eloquencia os sustos da corte e do povo, mostrando a vacuidade da astrologia. Um prelado que assim pensava e fallava publicamente no seculo XV seria por certo mui capaz de apreciar as bellas artes, e de desejar e comprar para a sua egreja um quadro do melhor pintor do mundo n'aquella epocha.

Julgâmos muito facil confirmar ou contestar esta supposição a quem conhecer bem as obras de Van-Eyck de indubitavel authenticidade, ou, pelo menos, outras da eschola flamenga contemporaneas. Não as conhecemos nós. Todavia, parece-nos o quadro antes da segunda que da primeira metade do seculo XV, e portanto da mesma eschola, mas não do pincel de Van-Eyck. Serve-nos de fundamento á nossa opinião o exame das letras differentes que se encontram no quadro.

Na orla do manto de um anjo que está na parte esquerda do quadro lê-se [1]:

MARIA MATER GRACIE
MATER

E no mesmo manto, na orla, do lado esquerdo do anjo, sobre o peito, encontra-se esta palavra, cuja ultima letra está mutilada, parecendo, todavia, mais um O que um C ou um G:

?ERFO

Na orla do manto de um dos quatro anjos que sustentam a corôa encontram-se os seguintes disticos, cujos caracteres reproduzimos tambem com fidelidade:

AUGELOR
MARIA
AVE MARIS SELLA
TE DEON
BENEDITVS DOMINVS DEVS

N'outro anjo do côro, que fica á esquerda da Virgem, estão n'uma tira, que prende sobre o peito as orlas do manto, estas duas letras:

MA

Considerando em geral todos estes caracteres, notaremos que ha alguns puramente romanos, como os do primeiro distico. Outros disticos são mixtos e contêm letras gothicas e romanas. N'alguns caracteres conhece-se claramente o typo das primeiras alterado pelo das segundas.

Em séllos e moedas da metade ultima do seculo XV, por exemplo no séllo de Luiz XII e nas moedas de D. João II, encontram-se letras de fórma similhante, as quaes perderam o arredondado para se tornarem angulosas. Outras letras muito parecidas são as que estão gravadas n'uma peça da custodia da sé de Evora, que, por sua grande similhança com a custodia de Mecken, se deve attribuir áquelle mesmo tempo. Achâmos ainda alguma analogia entre as letras d'esta ultima alfaia e as da assignatura de Grão Vasco, reproduzidas pelo inglez Robinson em sua recente memoria, com quanto elle repute o quadro do nosso pintor de 1520, pouco mais ou menos.

A palavra *Deon*, que se lê no sexto distico, tem um som byzantino tão caracteristico, que de per si bastaria para nos lembrar os primeiros annos do renascimento das letras e das artes, em que os artistas fugidos de Constantinopla se espalhavam pela Italia e por outras nações da Europa, contribuindo em toda a parte para a grande reforma que então se effeituou.

Ignorâmos o que significa o segundo distico. Será uma palavra mal escripta, ou o nome do pintor?

Sendo, como parece, contemporaneos o quadro e a custodia da sé de Evora, não podêmos deixar de attribuir a sua acquisição a um prelado illustre, cultor das bellas artes, e capaz de apreciar aquellas obras primas da pintura e da esculptura. Ora nos fins do seculo XV, desde o anno de 1485, aponta-nos a historia o nome de D. Affonso de Portugal, que deixou em Evora verdadeiras maravilhas de architectura, das quaes, por serem geralmente ignoradas, opportunamente havemos de tratar. Que muito, pois, que o prelado que mandou edificar dentro e fóra da cidade paços magnificos por bons architectos adquirisse tambem para a sua sé obras de tal preço? Deixâmos registada a idéa, sem pretendermos que a tenham em mais que mera conjectura.

No quadro da Coroação da Virgem vemos todos os caracteres das obras dos melhores pintores da segunda metade do seculo XV. As cabeças são admiraveis. Nos rostos ha a expressão simples, animada e natural, que os artistas d'aquelle tempo sabiam dar ás figuras em que retratavam suas proprias crenças verdadeiras e singelas. O doirado dos cabellos, pintados com tanto esmero que se podem contar, e as outras côres são vivas e brilhantes. As roupas tem desenhos varios e complexos, executados com summa perfeição. Falta, porém, toda a perspectiva e a combinação harmonica dos grupos para realçarem tamanhas bellezas.

O quadro, como já dissemos, foi tirado no primeiro quartel do seculo passado da capella-mór da sé, com os outros doze que a exornavam. Salvou-os a todos, já n'este seculo, da ruina e desprezo a que os haviam condemnado, o illustre D. Fr. Manuel do Cenaculo, que mandou collocar um na bibliotheca eborense, que elle proprio acabára de fundar, e os outros nas salas do paço archiepiscopal, onde se conservam. O quadro da Coroação da Virgem está actualmente no altar da capella particular do mesmo paço.

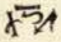
Conforme advertiu o conde de Raczynski, os doze quadros, com quanto pertençam tambem á eschola flamenga e tenham grande merecimento, são muito inferiores ao da Coroação, e, por todas as razões, pare-

[1] Cumpre notar que estas letras estão collocadas por sua ordem de cima para baixo, de tal modo, que tem de se ler da direita para a esquerda.

cem menos antigos. Alguns tem disticos allusivos aos assumptos que representam, escriptos n'um gothico geometrico e regular, que receberia talvez já a influencia das regras estabelecidas por Alberto Durer.

Estes doze quadros são todos de madeira, e representam: S. Joaquim e Sant'Anna [1]; o Nascimento da Virgem; a Apresentação da Virgem no templo; o Casamento; a Annunciação; o Nascimento de Jesus; a Apresentação; a Adoração; a Circuncisão; a Fugida para o Egypto; o Menino entre os doutores [2]; a Morte da Virgem.

Examinámos attentamente toda a collecção, e não encontrámos senão este monogramma no quadro da Circuncisão, n'um vidro de certa janella gothica, pintada na parte superior:



No quadro da bibliotheca ha outro monogramma differente, que o conde de Rackzynski reproduziu e julgou, talvez sem grande fundamento, de Christovão de Utrecht.

A. Filippe Simões.

BENTO DE SPINOSA

(Vid. pag. 153)

III

Esta primeira prova foi bastante para que Spinosa, desenganado de uma vez e para sempre das seducções do amor, se votasse exclusivamente ao culto da sciencia, reconcentrando no estudo todos os seus desejos e cuidados. Possuindo já sufficiente conhecimento do latim, voltou a aprofundar os mysterios da theologia rabbinica, dando-se por alguns annos á lição e exame reflexivo dos mais nomeados expositores da Biblia e do Thalmud. Porém, não achando n'estes estudos com que satisfazer cabalmente as aspirações do seu espirito, resolveu procurar nos da physica a explicação das causas naturaes, e dos effeitos por ellas produzidos.

Indeciso por algum tempo na escolha de mestre, cujos escriptos lhe servissem de guia seguro na carreira que encetava, a fortuna lhe trouxe em fim ás mãos as obras de Descartes; d'este pensador meditativo, que em 1650 acabava de terminar seus dias em Stockolmo, para onde a rainha Christina de Suecia conseguira attrahil-o pouco antes, desejosa de tratal-o pessoalmente e de ouvir as suas lições.

Spinosa leu com avidez os tratados do celebre philosopho; e confessava depois que n'essa leitura haurira todos os seus conhecimentos em pontos de philosophia. Enlevou-o mais que tudo aquella maxima judiciosa, em que Descartes estabelece: que não deve jámais admittir-se por verdadeira coisa que não haja sido préviamente provada á luz da evidencia por boas e solidas razões. D'ahi tirou como consequencia immediata, que a doutrina e praticas extravagantes e superticiosas dos rabbinos não podiam merecer o assentimento de um homem sisudo; visto que uma e outras, dizendo-se emanadas de Deus, repousavam unicamente sobre a propria auctoridade d'elles rabbinos, sem mais fundamento ou razão que induzisse a acredital-as.

Tornou-se, pois, desde logo mui reservado e circunspecto com os doutores judeus, cujo trato evitava tanto quanto podia; e nas raras occasiões em que apparecia na synagoga mostrava-se embaraçado e contrafeito.

Este procedimento irritou contra Spinosa os animos de seus antigos mestres e correligionarios, tomados do justo receio de que em seguida a taes demonstrações de descrença, não se demoraria elle em abandonal-os de todo, para talvez alborcar pelo christianismo a lei de seus maiores. Determinados a impedir-lh'o a qualquer custo, tentaram primeiro os meios de brandura e persuasão, e como d'estes não surtisse effeito, recorreram por fim á violencia. É facto incontroverso, affirmado pelos biographos, e apoiado nas declarações feitas pelo proprio Spinosa a diversas pessoas, que os rabbinos chegaram a offerecer-lhe uma pensão annual de mil florins, sob condição de que não desampararia a synagoga. Elle, porém, protestava que ainda quando lhe offerecessem dez vezes mais, não teria acceitado taes offertas, nem frequentado as assembléas judaicas, porque não era um hypocrita, e só tinha por fito e norte o descobrimento da verdade. Mais contava, que após esta recusa, uma noite, ao sair da velha synagoga portugueza, víra perto de si o vulto de um desconhecido, armado de punhal. Póde, comtudo, evitar a tempo o golpe que se lhe dirigia, e que apenas se empregára nos vestidos; e mostrava ainda, passados muitos annos, traspassado pelo ferro o casaco ou sobretudo, que guardára cuidadosamente para memoria do successo.

Vendo os rabbinos que não podiam persuadil-o, nem seduzil-o, nem ainda intimidal-o, anticiparam-se a prevenir a sua retirada, expulsando-o elles proprios do seu gremio de um modo solemne e apparatoso. Das suas tres fórmulas de excommunhão escolheram a mais terrivel, a de interdicção perpetua, denominada *Schammatha*, que se intimava ao culpado em plena assembléa á luz de tochas accesas, e ao som estrepitoso e lugubre de uma buzina. Por ella o condemnado ficava banido para sempre, sem esperança de perdão ou misericordia, abandonado de Deus e dos homens, e exposto em toda a parte aos raios vingadores da colera divina, imprecados sobre a sua cabeça em ferventes maldições. Diz-se que fôra Murteira, primeiro mestre de Spinosa, que se encarregára de exercer as funcções sacerdotaes n'esta luctuosa ceremonia, pronunciando contra o antigo discipulo o tremendo anathema. Sentia-se este pouco disposto a auctorisar com a sua presença a execução da sentença condemnatoria; e, retirando-se de Amsterdam, enviou aos seus juizes uma especie de protesto, ou memoria apologetica do seu procedimento, escripta em lingua castelhana, dando-se desde então por completamente separado da synagoga e isento da jurisdicção dos rabbinos.

Abjuradas assim as crenças que bebêra com o leite, nem por isso se verificou o que seus inimigos esperavam, porque jámais tratou de receber o baptismo. Teve, em verdade, antes e depois, repetidas conferencias com os sabios e doutores das diversas egrejas christãs espalhadas na Hollanda; porém nenhuma d'estas lhe offerecia ao espirito um caracter de verdade tal que, captivando-lhe o entendimento, o levasse a fazer profissão publica dos dogmas do christianismo. Mudou, comtudo, o nome de Baruch, recebido na synagoga, trocando-o pelo latino de *Benedictus*, que os francezes traduzem por *Benoit*, e nós por *Bento*, e d'elle usou em quanto foi vivo.

IV

Entrado nos vinte e quatro annos de edade, solto dos laços de familia, de religião, e de quaesquer affeições terrenas, Spinosa viu-se na necessidade de tomar uma resolução definitiva ácerca do genero de vida que lhe cumpria seguir. Determinou consagrar seus

[1] A este primeiro quadro chamou Rackzynski o *Sonho de S. José*, e assim foi designado n'um inventario do paço archiepiscopal pelo fallecido João Raphael de Lemos.

Basta, porém, comparar as figuras com as do que representa a Apresentação da Virgem para conhecer que só podem corresponder a S. Joaquim e Sant'Anna. O assumpto foi tirado do *Evangelium de nativitate Sanctæ Mariæ*. S. Joaquim e Sant'Anna chegam ás portas de Jerusalem, depois de lhes ter sido annunciado por um anjo que gerariam a Virgem. Nas posições das figuras e na expressão das physionomias patenteia-se aquella admiravel ingenuidade dos antigos pintores nas coisas com que os modernos se não atreveriam pelo receio de parecerem menos graves ou menos decorosos.

[2] É o que está na bibliotheca.

dias ao livre exame e meditação dos problemas philosophicos, longe do bulicio do mundo, e em uma independencia absoluta.

Como diversão conveniente para desenfadar-se dos trabalhos do espirito, e prover juntamente ás necessidades da existencia material, quiz aprender uma arte mecanica accommodada ao seu estado, já então valetudinario, e a cujo exercicio não empecesse a solidão em que se propunha viver. Por mais azada ao intento, escolheu de preferencia a de polir vidros para microscopios, telescopios e outros usos; e a ella se applicou de sorte que veiu a tornar-se insigne no desempenho. Os productos da sua industria lograram boa acceitação, e de toda a parte affluiam as encommendas dos compradores.

Tendo saido de Amsterdam, ao que parece, em 1656, e depois de assistir alternativamente nos arredores d'esta cidade, e em Rhynsburgo, proximo de Leyde, demorou-se por mais de quatro annos em Woorburgo, nas proximidades da Haya, passando em fim a estabelecer-se definitivamente n'esta ultima cidade em 1670. Ahi alugou um quarto na casa de um honrado burguez, por nome Van-der-Spyck, e n'essa habitação persistiu o resto da sua curta vida, empregando o tempo no estudo e no polimento dos seus vidros. Tirava d'este com que manter-se ao abrigo das necessidades, e sem depender de ninguem. Applicára-se tambem ao desenho, posto que de mera curiosidade, e sem mestre, conseguindo executar soffriveis retratos a lapis ou aguarella. Por sua morte, foi achado no seu pequeno espolio um livro, em que elle se divertíra a retratar-se a si proprio, e a muitas pessoas notaveis que conhecêra, ou que o haviam visitado em diversos tempos; porque, apesar do seu pendor para a vida retirada, nem por isso deixava de mostrar-se accessivel a todos que o buscavam, acolhendo-os com agrado e polidez.

Fôra difficil de crer, se o não attestassem todos os seus biographos, até que ponto Spinosa era sobrio e economico. Por alguns roes de despezas encontrados entre os seus papeis, soube-se que elle passára dias inteiros sem outro alimento que umas sopas de pão adubadas com leite e manteiga, que lhe custavam tres soldos (36 réis?) e para bebida um pucaro de cerveja do custo de soldo e meio. Outras vezes contentava-se com um prato de papas de cevadilha, temperadas com passas e manteiga, cujo custo não excedia a quatro e meio soldos. Dois quartilhos de vinho davam-lhe para todo um mez. E ainda que lhe sobrassem frequentes convites para ir comer fóra, elle preferia conservar-se no seu quarto, vivendo com parcimonia do que era seu, a ir na casa alheia regalar-se esplendidamente á custa de outrem.

Esta extrema frugalidade convinha por outra parte á sua constituição physica. Era elle de estatura mediana, fraquissimo de corpo, achacoso, e padecendo de tisica desde a juventude. As feições do rosto eram, comtudo, bem proporcionadas, pelle trigueira, cabellos crespos e pretos, sobrancelhas espessas e da mesma côr: de sorte que o seu semblante apresentava ao primeiro aspecto o typo caracteristico dos judeus portuguezes. No que respeitava aos vestidos, davam-lhe pouco cuidado; trajava sempre de preto, e de mui grosseiro panno; e se alguem lh'o estranhava, respondia: «Que era contra o bom siso envolver em capa de preço objectos de pouco ou nenhum valor;» ou tambem: «Que o edificio humano escusava de ricas armações.»

Tanto eram seus costumes irreprehensiveis, e sua maneira de viver regularissima, quanto era ameno o seu trato, e agradavel a sua conversação. Sabia admiravelmente dominar todas as suas paixões. Não o viram jámais nem muito triste, nem alegre em demasia. Procurava conter-se e moderar-se na colera, e nos desgostos que lhe sobrevinham, por modo que não deixava transpirar seus dissabores. Conversava frequentemente com a dona da casa em que vivia hospedado, e com os domesticos e familiares da mesma casa, sobre tudo quando padeciam afflicções ou molestias. Tratava então de os consolar, animando-os, e os exhortava a soffrer com paciencia os desastres e enfermidades, que eram (dizia) uma especie de partilha que Deus lhes destinára. Aos rapazes recommendava que assistissem com assiduidade na egreja ao serviço divino, e lhes ensinava o como cumpria serem doceis e obedientes a seus paes.

Nos domingos, quando os domesticos voltavam do sermão, indagava d'elles que proveito haviam tirado da predica, e quaes os pontos que mais os haviam tocado, ou em que acharam materia de maior edificação. «Tinha elle (diz Colero) uma notavel estima pelo ministro meu antecessor, o dr. Cordes, que era homem erudito, de boa indole e de vida exemplar; o que dava occasião a Spinosa para elogiar estas qualidades. Algumas vezes ia ouvil-o prégar na cathedral, e attentava particularmente sobre a pericia com que elle explicava a Escriptura, e as applicações solidas que fazia dos passos que expunha. Spinosa recommendava a seus hospedes, e aos domesticos da casa, que não perdessem jámais alguma prégação de tão habil expositor. Acontecendo que a esposa de Van-der-Spyck o interrogasse um dia, perguntando-lhe se julgava que ella podia salvar-se na religião lutherana, que professava, elle lhe respondeu: —Vossa religião é boa; não deveis procurar outra, nem duvidar que encontrareis n'ella a vossa salvação, uma vez que, ligando-vos á piedade, leveis ao mesmo tempo uma vida pacifica e tranquilla.»

Por todo o tempo que permaneceu alojado em casa de Van-der-Spyck nunca incommodou pessoa alguma. Passava a maior parte dos dias socegadamente, sem sair do quarto onde comia, trabalhava e dormia. Quando, porém, lhe acontecia sentir o espirito fatigado, por se haver entregue de sobejo ás meditações philosophicas, descia para resfolgar á sala commum, e entretinha-se com a familia da casa, conversando em tudo que podia servir de assumpto para distracção, sem que escapassem as menores bagatelas. Divertia-se tambem ás vezes fumando por um cachimbo, e quando pretendia dar tregoas mais de espaço aos trabalhos e contensão do espirito, ia pelos cantos da casa procurar aranhas, as quaes fazia luctar juntas, ou moscas, que lançava nas têas, e observava detidamente estas batalhas com tamanho interesse e prazer, que lhe provocavam o riso. Em outras occasiões observava miudamente com o microscopio as differentes partes dos mais pequenos insectos, e deduzia d'essa observação as consequencias que melhor se ajustavam com as suas descobertas.

Tal era o homem a quem vinham procurar, no centro da solidão em que se acoitára, a riqueza, as honras, a gloria, as altas amizades. Elle sacrificava tudo isto sem esforço, para viver livre e feliz na moderação e na paz.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

NORUEGA

ROCHEDO DE TORGHATTEN

A peninsula scandinava, formada pelos reinos da Suecia e Noruega, está situada entre o Oceano Atlantico, que lhe fica a oeste, o mar Glacial, ao norte, o mar Baltico e o golpho de Bothnia, a léste, e o Skager-Rak, o Kattegat e o Sunda, ao sul.

Depois da Russia, é a mais vasta região da Europa; porém os excessivos rigores do clima e a pouca fertilidade do solo, que em grande parte é absolutamente

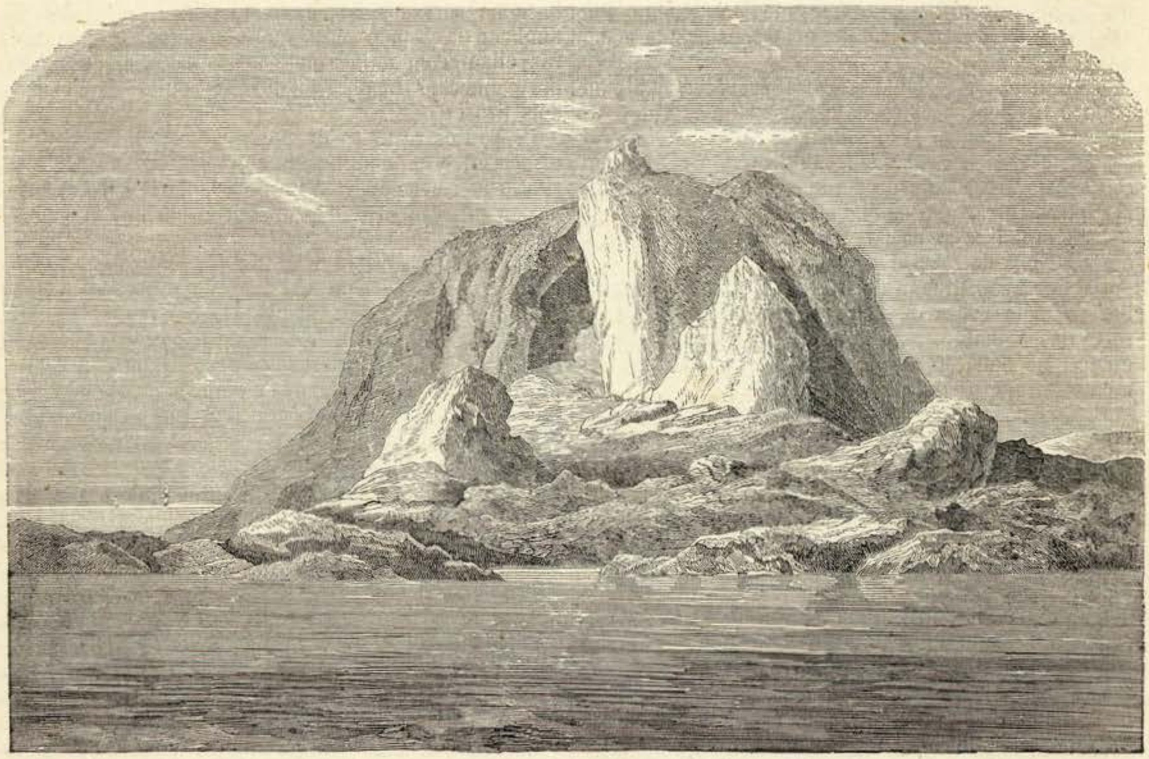
esteril, são causas de que tenha uma população muito diminuta e a maior parte do seu territorio inculta.

Estas circunstancias constituem a peninsula scandinava uma potencia de segunda ordem, não obstante acharem-se reunidos os dois reinos da Suecia e da Noruega sob o mesmo sceptro, ao presente empunhado por el-rei Carlos XV, neto de Carlos XIV, que, nascendo francez, e fazendo-se celebre nas guerras de Napoleão I com o nome de marechal Bernadotte, por tal modo soube ganhar as sympathias do povo scandinavo, que este o acclamou, primeiramente principe real, e depois rei, pelo fallecimento de Carlos XIII.

As asperezas d'aquelle frigidissimo clima pouca amenidade consentem á terra, e essa pouca passa rapidamente, porque o estio é tão curto, que em muitas localidades, principalmente da Noruega, não chega a derreter-se completamente o gelo do inverno. Assim, não encontram os viajantes n'esse paiz as pompas da vegetação, não diremos dos tropicos, mas nem sequer das regiões temperadas da Europa. Em compensação, ambos os reinos da peninsula scandinava, e mais particularmente a Noruega, offerecem á sua contemplação maior numero de curiosidades naturaes que outro qualquer paiz europeu, e algumas d'ellas sobremaneira admiraveis.

As costas da Noruega são penhascosas, ora elevando-se em gigantescas massas de rochas de fórmas phantasticas; ora lançando pelo mar dentro longa enfiada de penedos descommunaes. Aqui erguem-se a prumo sobre o mar, como uma alta e lisa muralha; alli assimilham-se a ruinas de antigo castello feudal; em outros sitios, cavadas em espaçosos reconcavos, offerecem seguro abrigo á navegação costeira.

Accrescentae a este quadro uma immensidade de



Rochedo de Torghatten, em uma ilha junto da costa da Noruega

ilhas, espalhadas junto da costa, com diversidade de grandeza e de feitio, umas montanhosas, outras saíndo pouco acima da superficie das aguas, quasi todas eriçadas de aguda penedia, e podereis ajuizar das perspectivas variadas e pittorescas que o navegante vae desfructando ao longo da costa.

Porém não se limitou a natureza a dar variado e estranho aspecto ao cinto de rochedos que defende a Noruega contra as furias do mar. Dispoz tambem muitos d'elles por tal modo e com tanta regularidade, que ficaram formando não só grutas mui amplas e formosas, mas até admiraveis galerias, que mais parecem obra da arte que simples effeito do acaso.

Uma d'essas curiosidades naturaes, que mais dignas são de serem mencionadas e visitadas, é a que por todos os navegantes que frequentam aquellas paragens é conhecida e celebrada pelo nome de *rochedo de Torghatten*. É uma rocha gigantesca, de feição um tanto pyramidal, que se ergue á altura de 300 metros, no meio de uma ilha situada junto da costa septentrional da Noruega.

Pela gravura que d'ella damos n'este numero conhecer-se-ha que a perspectiva exterior de similhante rocha é muito singular e extremamente curiosa, não só, ou não tanto, pela sua fórma, mas tambem, e principalmente, pela grande fenda, á maneira de um arco ou portico, que se abre na parte superior da mesma rocha e dá entrada para uma espaçosissima gruta. Vista, porém, interiormente, causa assombro aos que a visitam, porque apresenta a perspectiva de uma galeria de grande extensão, alta, larga, rematando em ambas as extremidades em duas mui amplas aberturas, por onde entram livre e abundantemente o ar e a luz do dia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O PAIZ DOS MENSA, EM A NUBIA

(Conclusão. Vid. pag. 164)

III

As condições do solo, e não de certo a indolencia e estupidez naturaes, tornaram os Mensa um povo quasi exclusivamente pastor.

Contribue bastante para que similhante estado se

não modifique a falta de segurança que tem os que se aventuram a dar amanho aos terrenos cultivaveis, de poderem conservar por muito tempo a propriedade d'elles. As poucas geiras de terra de que a natureza consente o cultivo conquistam-se frequentes vezes á ponta da lança; e um Mensa, quando desce das suas alcantiladas montanhas á vasta planicie do Cheb, não póde ter a certeza de que o terreno por elle aproveitado até então não esteja senhoreado já por alguma tribu nomada.

Apesar, porém, de ser o solo pouco generoso para com os habitantes d'esta parte do mundo, não mostram elles estimar com menos amor essa região, que lhes paga em panoramas esplendidos a exiguidade dos fructos que lhes dispensa. Chamam os naturaes á sua patria o *bello paiz*. Emphase sublime que tão bem traduz o forte amor da patria que lhes faz pulsar os corações!

O rebanho é para um Mensa a principal e quasi unica riqueza. Possuir cem vaccas é, n'esta tribu, como entre os bogos, uma riqueza mediana; tudo o que vae além de duzentas vaccas é já considerado como um bom capital.

A organisação social dos Mensa assimilha-se algum tanto á divisão de patricios e plebeus que primitivamente existia entre os romanos. Os *choumaglié* representam a aristocracia. Cada familia d'esta classe tem sob sua protecção um numero determinado de vassallos, ou clientes, que se chamam *tigré*.

Esta organisação social é commum aos bogos e a outras tribus de origem abexim.

Os *tigré* constituem a parte mais laboriosa e tambem a mais pobre da tribu. É facil distinguil-os do resto da população, porque apresentam uma tez mais escura, ar mais selvatico, e trajam mais miseravelmente do que os outros habitantes.

O *tigré* póde mudar de patrono quando lhe convem. Uma contribuição modica paga ao *choumaglié* é a compensação dos serviços que este é obrigado a prestar-lhe, protegendo-o em occasiões de perigo.

Os Mensa subdividem-se em dois grupos: Beit Echakam, ou Mensa superior, e Beit-Ibrahé, ou Mensa inferior. A aldeia em que habita o primeiro grupo chama-se Hamham; a do segundo Gheled.

Como quasi todas as tribus originarias da Abyssinia, os Mensa seguem o christianismo, se é que póde assim chamar-se o conjunto de praticas, algumas singularmente ridiculas, que geralmente observam. Diga-se, porém, em abono da verdade, que, apesar da mistura de paganismo que ha nas suas crenças e usos religiosos, não pendem elles muito para o islamismo. A resistencia a sujeitarem-se ao dominio egypcio, que só nominalmente se estende até aos territorios banhados pelo Lava, é em parte motivada pela differença de religião.

Em 1850, Hassan, *naib* (governador) de Aikiko, atacou Beit Ibrahé. O *kantiba* (chefe superior) caiu em poder do invasor, e foi conduzido prisioneiro para Massaoua, onde, durante muitos mezes, se pozeram por obra, mas sem resultado, todos os meios de o converter ao islamismo. Para obter a liberdade foi-lhe preciso pagar forte resgate e deixar em refens seu neto.

O actual *kantiba* de Beit Echakan é um typo verdadeiramente original. Chama-se Daër-Oned. Tem fama de ser um dos mais denodados guerreiros de todo o paiz que banha o Ainsaba. A fama das proezas d'este Ajax ethiopico corre de montanha em montanha, e o seu nome é geralmente respeitado como o de um heroe. A par das acções de heroismo, contam-se d'elle alguns factos que, se não demonstram a sua simpleza, significam notavel predilecção para os lances comicos e ridiculos, aliás desculpavel entre povos tão pouco civilisados como são os Mensa. Para bem se julgar do caracter d'este espirituoso guerreiro, referiremos as seguintes anecdotas, que se lhe attribuem.

Uma d'essas prolongadas séccas, tão frequentes em aquellas paragens, tinha destruido as mesquinhas colheitas dos pobres Mensa, e impossibilitava-os de semearem novamente os poucos terrenos que traziam cultivados. As nuvens appareciam por vezes no horisonte, mas nem uma gota de agua se soltava d'ellas para fertilisar os campos requeimados pelo sol.

Daër-Oned, já impacientado por ver cruzarem-se inutilmente as nuvens por sobre os alcantis do seu paiz, tirou-se um dia dos seus cuidados, e, saíndo a terreiro, disparou com a mais certeira pontaria dois tiros de pistola contra aquellas que mais proximas corriam. O certo é que, pouco depois, grosso aguaceiro se despenhou sobre os montes. Os Mensa ficaram olhando com respeito para o homem de quem até as nuvens pareciam arreceiar-se.

Daër-Oned não deixa nunca, quando se lhe depara ensejo, de tirar proveito d'esta coincidencia.

Pouco tempo depois d'este acontecimento, estava Daër no paiz dos Bogos. Como elles se queixassem tambem da grande sécca que os affligia, o nosso heroe olhou com altivez para o ceo e exclamou: «Não me conheces? Lembra-te de que sou o homem dos dois tiros.»

Os poucos recursos de que a natureza lhes permitte disporem, e as continuadas correrias que no seu territorio fazem as outras tribus ou os governadores egypcios, explicam o estado miseravel em que vivem os Mensa.

As habitações d'esta tribu são das peiores que se encontram no interior da Africa. O maior numero d'ellas são cabanas de colmo, pequenas, mal ventiladas e de misero aspecto. No interior reina a mesma pobreza e a mesma falta de commodidades. Alguns vasos de barro, uma especie de pilão para moer os cereaes, um grande pote de barro que lhes serve como de celeiro, um machado, alguns odres, alguns sacos de coiro, são quasi os unicos utensilios que constituem a alfaia domestica da cabana de um Mensa.

Geralmente, as cabanas reunem-se em grupos, circundadas por uma especie de sebe, e formando no centro um pequeno jardim, onde se cultiva o tabaco. Esta planta tem grande consumo entre os Mensa, porque tanto os homens como as mulheres se entregam immoderadamente ao vicio de fumar e de mascar tabaco.

Os Mensa são, em geral, esbeltos, bem conformados e bem configurados. A sua tez varía entre trigueira e escura. Pelas feições aproximam-se mais dos typos caucasianos do que dos typos da raça negra. O cabello é encarapinhado, a barba pouco espessa, os dentes admiravelmente brancos. Em regra, os homens são mais bellos que as mulheres. O vestuario dos Mensa é simplicissimo; quasi sempre se limita ao estrictamente exigido por um sentimento não muito exaggerado do pudor.

Todas as occupações domesticas são da competencia das mulheres. Até lhes pertence construirem as habitações! Applicar-se a qualquer serviço domestico é para um homem, entre os Mensa, uma das maiores ignominias.

Depois de cuidarem dos rebanhos, deixam os Mensa as cabanas, e reunem-se n'uma praça da aldeia destinada para estes congressos diarios. Alli passam uma boa parte do dia, já sentados em pedras, já estendidos ao comprido no chão. É n'estas singulares assembléas que se discutem os mais importantes negocios. Alli param tambem o barbeiro e o cabelleireiro, promptos, á primeira voz, para exercerem os seus misteres.

Pela tarde reunem-se tambem as mulheres nas praças, e o resto do dia passa-se em danças ruidosas e singulares, que se prolongam até que, com o entreapparecer da noite, o receio da aproximação dos animaes ferozes faz recolher ás cabanas toda a população.

Os instrumentos mais usados dos Mensa são flautas, rebecas e tamboris, mas todos tosca e imperfeitamente acabados.

A historia dos Mensa cifra-se quasi unicamente, como a dos Bogos e de outras tribus visinhas, em a narração das reiteradas tentativas que, para sujeital-os ao dominio egypcio, tem empregado os beys que governam os territorios proximos. Por vezes o ataque vem-lhes tambem do lado da Abyssinia; de modo que esta desgraçada tribu, ainda que saiba resistir corajosamente ás tentativas de invasão, vê a miude talados os campos e alastrado o solo com o sangue dos seus.

Ha muito pouco tempo que Beit Echakan foi invadida e saqueada pelas gentes de Hamazene, tribu abexim.

Concluiremos citando um dito memoravel, proferido n'essa occasião por um *choumaglié*, chamado Djad-Oned-Agaba. Vieram annunciar-lhe que seu filho succumbíra na refrega. A pergunta que immediatamente lhe acudiu aos labios foi: «E elle não matou ninguem?» Como lhe respondessem que aos seus golpes dois dos aggressores tinham mordido o pó, o velho, com um sorriso amargurado pela dor paternal, exclamou: «Está bem; não partiu sem um bom almoço.»

T. DE C.

BERLIN

ESTATUA EQUESTRE DE FREDERICO O GRANDE

(Conclusão. Vid. pag. 169)

Não foi preciso que a morte roubasse á nação o homem a quem esta devia o seu engrandecimento e prosperidade, para que os prussianos se lembrassem de lhe levantar um monumento, que perpetuasse ao mesmo tempo os heroicos feitos do monarcha e a gratidão do povo por tão distinctos serviços.

Logo depois de findar a gloriosa campanha dos exercitos prussianos contra o imperador de Allemanha José II, resolveram as tropas da guarnição de Berlin, correndo o anno de 1779, erigir na capital da Prussia um monumento a Frederico II, egual ao que esta cidade levantou em obsequio de Frederico Guilherme, cognominado o *grande eleitor de Brandeburgo*. A este pensamento patriotico associaram-se espontaneamente os populares.

Tratou-se de promover a subscripção, e foi encarregado de fazer a traça da obra o architecto Tassaert, que não se demorou em apresentar o modelo.

Não chegou a ter execução este projecto, porque se oppoz Frederico II a que fosse por diante. Este illustrado soberano, recusando a homenagem que seus subditos lhe queriam tributar por aquelle modo, disse com a sua proverbial franqueza e laconismo aos que foram solicitar permissão régia para a fundação do monumento, que «não achava conveniente que se erigissem estatuas em honra de pessoas ainda vivas, pois que se devia esperar, quando não fosse pelo juizo da posteridade, pelo menos que chegasse o dia do seu fallecimento.»

Assim se adiou aquelle pensamento, não sem pezar dos que o tinham concebido e trabalhado para a sua realisação.

Passado pouco tempo depois da morte de Frederico II, reviveu aquella idéa com mais força, excitado pela saudade e enthusiasmo popular. Mas o seu successor, querendo para si toda a gloria d'esse derradeiro tributo de amor e de gratidão prestado ao soberano que fez do sceptro e da espada instrumentos da grandeza e da felicidade da nação, determinou que o monumento fosse construido á custa do real bolsinho.

D'est'arte despojou el-rei Frederico Guilherme II o primitivo projecto de monumento do caracter de nacionalidade e de expansão popular, que tão bem quadrava ao assumpto, para que mais se honrasse a memoria do grande rei, e para que o povo de algum modo se desencarregasse das obrigações que devia ao monarcha.

Foram encarregados diversos architectos de apresentarem modelos para o monumento. E, com effeito, muitos desenhos subiram á approvação régia, pois que, além de concorrerem a este concurso os mais afamados artistas da Prussia, alguns, como Schinkel, apresentaram seis riscos differentes. Porém nenhum foi escolhido, e Frederico Guilherme II desceu ao tumulo sem ter dado principio á obra.

Continuou nas mesmas diligencias seu filho e herdeiro, el-rei Frederico Guilherme III; porém não teve a fortuna ou energia bastante para cortar todas as difficuldades. Este soberano commetteu o plano e execução do monumento ao esculptor Christiano Daniel Rauch. Este eximio artista, natural do principado de Waldeck, nascido em 1777 e fallecido no anno de 1857, já era celebre em toda a Allemanha pelo bom gosto e primor com que delineára e executára o mausoléo da rainha Luiza, na capella do paço de Charlotenburgo; o monumento levantado sobre o Kreuzberg, em memoria da restauração da Allemanha; e, finalmente, a estatua do marechal Blücher, inaugurada em uma praça da cidade de Breslau. Além d'isso, quando el-rei Frederico Guilherme II tratou de erigir um monumento a Frederico o Grande, o esculptor Rauch apresentou quatro modelos, qualquer dos quaes bastaria para estabelecer a reputação de um artista. Foram, portanto, todas estas razões que determinaram a escolha do artista e a approvação dos seus planos, independentemente de concurso.

Como acontece ordinariamente em todos os paizes em casos identicos, não só variaram muito os artistas, que outr'ora concorreram ao concurso, na fórma e na propria natureza dos monumentos que propunham, mas tambem foram muito varias as opiniões, tanto d'elles como de muitas pessoas estranhas á arte, sobre o trajo com que se devia figurar a estatua do monarcha. Uns queriam que o trajo fosse o dos antigos guerreiros romanos. Eram em maior numero os que assim opinavam, por ser esta a pratica mais geralmente seguida até áquelle tempo. Outros, applaudindo a innovação que principiára então a introduzir-se, optavam pelo trajo usado pelo proprio soberano.

A questão foi tão renhida, produzindo-se de uma e outra parte argumentos bastantemente plausiveis, que o animo do rei ficou indeciso, e dizem que esta perplexidade foi uma das causas de se adiar por muitos annos a inauguração do monumento.

Surgiu de novo a questão quando el-rei Frederico Guilherme III quiz metter hombros á empreza. Porém d'esta vez o talento de Rauch logrou pôr termo á controversia. O modelo que fez de uma estatua equestre, com o cavalleiro trajado ao uso da epocha, era tão elegante e magestoso, e toda a obra de ornamentação tinha tanta belleza e era tão significativa, que el-rei deu-lhe immediatamente a sua approvação. Mas não chegou a ver começada a obra, porque veiu colhel-o a morte quasi nas vesperas da ceremonia inaugural dos trabalhos.

Coube a seu filho e successor, el-rei Frederico Guilherme IV, irmão do actual soberano, a honra de pagar aquella divida nacional, embora, acceitando o pensamento de seu avô, recorresse unicamente ao seu bolsinho para levar a effeito similhante fundação.

Á vista do que succedeu na Prussia, onde, apesar de se achar o paiz poderoso e florescente, não bastaram dois reinados, no longo curso de cincoenta e quatro annos, para a nação se desobrigar do muito que deve a Frederico II, por meio de um testimunho duradoiro de gratidão á memoria do seu bemfeitor; á vista d'isto, dizemos, reconhecerão, sem dúvida, os nossos leitores que não se póde, com justiça, alcunhar

os portuguezes de pouco agradecidos e negligentes, estando a construir um monumento na capital, e tendo erigido outro na segunda cidade do reino, em honra do seu libertador, fallecido ha trinta e quatro annos, durante os quaes a nação tem passado por muitas crises violentas, por quasi todas as terriveis provações que são consequencias forçadas das grandes transformações sociaes.

Um dos primeiros actos do governo de Frederico Guilherme IV foi a ceremonia da fundação do monumento de Frederico o Grande. Lançou-se a primeira pedra nos alicerces no dia 1.º de junho de 1840. O local escolhido foi a mais formosa praça de Berlin, chamada anteriormente *da Opera*, em razão do magnifico theatro que ahi se ergue, e depois denominada *praça de Frederico o Grande*. Guarnecem-n'a pelos quatro lados os sumptuosos edificios da universidade, do arsenal de guerra, do referido theatro, da bibliotheca, do palacio do principe da Prussia e da academia de canto.

Compõe-se o monumento de tres partes: envasamento, pedestal e estatua equestre. O envasamento consta de duas partes, ambas com os quatro angulos chanfrados e resaltando para fóra. A primeira é de granito, e apresenta dois degraus em cada uma das quatro faces. A segunda, que tambem se póde considerar como base do pedestal, é de bronze, e n'ella estão gravadas as inscripções commemorativas. A inscripção que se lê na frente do monumento é dedicada a Frederico II. Nas duas lateraes estão gravados os nomes dos sessenta generaes que mais se distinguiram nas campanhas do grande rei. A quarta inscripção, que está opposta á principal, contém os nomes dos prussianos mais celebres nas sciencias e nas artes, que viveram n'aquelle tempo.

Consta o pedestal tambem de duas partes, egualmente de bronze, e ambas riquissimamente decoradas. A inferior, que é mais elevada, tem $3^{m},34$ de altura. Nos seus angulos, levemente chanfrados, vêem-se quatro estatuas equestres, e entre ellas muitas figuras em pé, todas de vulto inteiro e de tamanho natural. Os quatro cavalleiros representam o principe Henrique, irmão del-rei Frederico II e seu companheiro na guerra; o principe Fernando de Brunswisck, que se cobriu de loiros na guerra dos sete annos; o general de cavallaria Ziethen, que se distinguiu em muitas batalhas, e cujo filho, tambem general, era afilhado de Frederico II; e, finalmente, Seydlitz, o heroe de Zorndorf, a quem o mesmo soberano abraçou no campo de batalha, em galardão de suas proezas, levando tão longe a sua admiração pela intrepidez e serviços d'este bravo militar, que lhe erigiu uma estatua.

As estatuas que avultam entre os quatro cavalleiros, formando mui bem dispostos grupos, representam diversos guerreiros dos que mais se assignalaram nas arrojadas emprezas de Frederico o Grande. N'esta parte do pedestal escreveu o cinzel de Rauch uma sublime epopéa, estampando alli os fastos militares da Prussia na epocha mais gloriosa da sua historia.

Nas quatro faces d'esta parte do pedestal, que se levantam por detraz das referidas estatuas, traçou o esculptor, em figuras de meio relevo, outro quadro não menos interessante, mas consagrado a commemorar as glorias do reinado de Frederico II durante a paz. As figuras representam os homens de estado, os sabios e os artistas que mais sobresaíram, illustrando-se a si e á patria, n'aquelle periodo memoravel. Assim, alli se vêem retratados, entre outras notabilidades, o conde de Carmer, auctor de um codigo por que se rege actualmente a Prussia; Schlabrendorf e Finkenstein, grandes estadistas e conselheiros do rei, tão zelosos quão prudentes; e Lessing e Kant, duas das maiores illustrações da litteratura e da philosophia allemãs.

A parte superior do pedestal é dedicada á recordação dos mais notaveis passos da vida de Frederico II. Os angulos são egualmente chanfrados e recolhidos, de modo que deixam logar para quatro estatuas allegoricas, sentadas, symbolisando a Justiça, a Força, a Prudencia e a Moderação; principaes virtudes que devem ornar o coração de um soberano. Os quadros em relevo que existem entre as quatro estatuas representam o nascimento de Frederico II; a sua educação, dirigida por Minerva, a deusa da sabedoria, como que para mostrar que elle era perito nas armas e instruido nas sciencias; a batalha da Kollin, em que o rei da Prussia se viu nas circunstancias mais criticas e arriscadas de todo o seu reinado; a sua visita aos teares dos tecelões da Silesia; os seus estudos de flauta, entretenimento em que se deleitava de vez em quando sósinho na sua camara; o mesmo soberano inspeccionando os trabalhos de construcção do real paço de Sans Souci, onde veiu a gozar em descanço os fructos de suas victorias e de suas fadigas na governação do estado; e, finalmente, a apotheose do heroe, que sóbe ao ceo levado nas azas de uma aguia, coroado de loiros, refulgindo-lhe sobre a fronte uma brilhante aureola, e levando aos lados, por divisas, o sceptro que empunhára, a espada e a penna que a seu turno manejára, e os ramos de loiro que o seu valor conquistou em gloriosissimas acções.

Toda a obra de esculptura das duas partes do pedestal é perfeita e de muita formosura, tanto pela composição dos quadros, distribuição, belleza e expressão das figuras, como pela excellencia e primor do trabalho.

A estatua equestre coroa dignamente este magnifico monumento, que se póde considerar como a chronica exactissima de Frederico o Grande.

O esculptor representou o monarcha, não na edade em que elle passava a vida, por assim dizer, nos campos de batalha, mas sim quando, já entrado em annos, se entregava tranquillamente aos cuidados da administração publica, promovendo por todos os modos ao seu alcance o aperfeiçoamento das instituições, a prosperidade e civilisação do paiz.

A estatua do rei tem verdadeira magestade, e o seu rosto, enrugado pela edade e pelas lides, exprime a serenidade e satisfação d'alma do homem que, após longos e penosos trabalhos, vê coroados pela fortuna todos os seus sacrificios, e desfructa em doce paz os resultados d'elles.

Frederico II está trajado com o seu uniforme habitual, caíndo-lhe, porém, dos hombros o manto régio. Segura as redeas do cavallo com a mão esquerda, e apoia a direita, não nos copos da espada, que lhe pende ao lado, pois que é symbolo de guerra essa arma, mas sim na propria perna, para significar o remanso do seu espirito e a sua confiança na paz.

Para que a estatua ficasse muito parecida com o original, modelou-a o esculptor á vista de um excellente retrato do monarcha. Do mesmo modo copiou os fatos e as armas das que serviram a el-rei, e se conservam no museu de Berlin.

O cavallo tem bastante nobreza no porte, e não carece de animação, mas parece desproporcionadamente grande, defeito que o esculptor e todos os que conheceram Frederico II desculpam, dizendo que é a expressão da verdade, porque este soberano sempre usou, com singular predilecção, cavallos de grande marca.

Tem de altura a estatua equestre de Frederico II $5^{m},66$, sendo, por conseguinte, mais pequena que a del-rei D. José I, na praça do Commercio, em Lisboa, pois que esta mede quasi 7^{m} de elevação. A altura geral do monumento de Berlin é de 14^{m}, tambem inferior á do monumento de Lisboa. Aquelle foi inaugurado em 31 de maio de 1851, levando, portanto, onze annos a construir.

I. DE VILHENA BARBOSA.